



VENESIANA

(POP DHURMER).

II Série — N.º 551

Assinatura para Portugal, *Trimestre 1\$20* ctv.,
 colonias portuguesas *Semestre 2\$40* ..
 e Hespanha: *Ano 4\$80* ..
 Numero avulso, **10 centavos**

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Século, 43 •

Lisboa, 11 de Setembro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

A Flôr de Ouro

Chegou nova remessa da
AGUA FLOR DE OURO

Para tingir e evit r
a queda do cabelo



A FLOR DE OURO é a melhor de todos as tinturas progressivas tanto para o cabelo como para a barba, obtindo o «Castanho claro», «Castanho escuro» e «preto». Não mancha a cuti; nem su'a a roupa; o cabelo conse va-se sempre fino e brilhante como no tempo juvenil. Cura a caspa, evita a queda do cabelo e fortalece as suas raizes. Preço 1570. Pelo correio 1181.

CABELO LOURO

Use a *F.ôr de Ouro* franceza que é a unica que pinta os cabelos brancos, ficando como fios de ouro, macio e formoso como no tempo juvenil. Preço 1570. Pelo correio 1181.

A venda em todas as perfumarias, drogarias e farmacias.

Agente para Portugal e colonias.

F. L. Mateus
RUA DO NORTE, 34, 1.º
Cabeleireiro

CREME DEPILATORIO
pronto a empregar
Efeito garantido.
Perfumado. Tira rapidamente, e penugem, barba, e pelos mais rijos de cara e do corpo
Não produz nem borbulhas nem vermelhidão; não irrita a pele. - Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos
REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

MAIZENA

Aqui temos uma coisa que provoca o appetite, mesmo nas epochas de muito calor. Sirva-se estas sobremesas finas e gostosas, feitas com "Maizena"; são leves, facilmente digeridas, sãs e nutritivas.

GELADO

Meio quartilho de leite, duas gemas d'ovos, seis onças de assucar, uma colher de "Maizena." Mexa-se até ficar espesso, e quando estiver frio, deite-se um quartilho de nata batida e duas gemas d'ovos bem batidas. Deite-se assucar e a essencia e ponha-se a gelar.

QUEIJADAS

Uma colher e meia de "Maizena," quatro de assucar, um litro de leite e um ovo e um pouco de sal. Quando o leite estiver quasi a ferver, deite-se a "Maizena," dissolvida em leite frio, e logo em seguida o ovo. Ferva-se uma ou duas vezes, mexendo-se depressa e deite a essencia.

OUTRAS MANEIRAS DE EMPREGAR

Toda a especie de doces, pasteis e biscoitos tornam-se muito mais suaves quando, em lugar de farinha, unicamente se emprega de 1/3 a 1/4 parte de "Maizena."



Em caso de escassez de nata, esta falta pode remediar-se por meio da "Maizena," com leite e ovo. Salpique-se com o salero, isto evitará que o sal endureça.

National Starch Co.
New York, E. U.

A venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz.



Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO Sociedade anônima de respons. limit.
Acções 360.000\$00
Obligções 323.910\$00
Fundos de reserva e amortisação 300.000\$00
Itens 300.000\$00

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado: Marianã e Sobreirinho (T. mar), Penedo e Casal de Hermo (Louã Vale Malor (Albergaria-a-Velha). Instalada para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de bapeis de escrita, de impressio e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina contínuo ou redondo e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periódicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 600.—Porto, 117.

Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Retratagem

As mais importantes coleções de retratos de alta personalidades.

Para encadernar a ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A venda artisticas e elegantes capas em percalina para cada semestre ao

Preço 400 réis

Remetem-se pelo correio a quem enviar a importancia em ordens postaes ou vale do correio

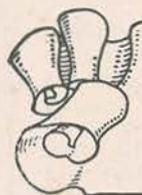
Procede-se tambem ao trabalho de encadernação devendo para isso ser enviada alem da coleção e do custo da capa, 240 réis para o empaste e 100 réis para o transporte depois de pronta

Administração do SÉCULO
Rua do Século 11 - LISBOA

CHA HORNIMAN

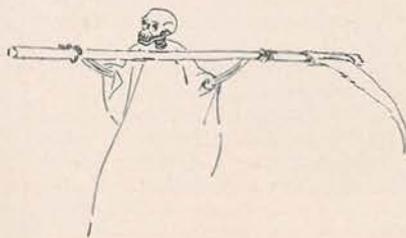
EM PACOTES

UM SÉCULO DE EXITO UNIVERSAL



A pena de morte

Ninguém dirá que o assunto é banal e a medida do Congresso, estabelecendo a pena de morte em determinadas circunstâncias, era de molde a passar despercebida. Por tantas coisas mínimas a opinião publica se tem apaixonado e manifestado violentamente, que os excessos ocorridos na sessão em que ela se discutiu, são perfeitamente explicáveis. A indiferença é que seria um sintoma pouco abonatorio do caracter nacional.



As defesas da nova lei, como os ataques, foram excepcionalmente brilhantes, apercibendo-se, a través da habitual retorica, uma grande sinceridade; os varios discursos tiveram por base a convicção, como não podia deixar de ser, porque a vida humana não é frioleira para debates de oratoria.

Por fim a lei votou-se, aprovando-se a pena de morte sómente em caso de guerra com paiz estrangeiro e apenas no teatro da guerra, isto é, sancionou-se um mal que é consequencia de outro, que os codigos tambem não regeitam. Pois não é o estado de guerra um facto unanimemente aceite e regulado pela chamada civilização e n'ele não se proclamam a destruição e a morte sem a desculpa da sua necessidade como pena, ou antes, como exemplo?

O real ceifeiro

Noticia a *Gazeta de Colonia* que o kaiser, nos arredores de uma pequena aldeia da Silesia, despiu o uniforme e começou a ceifar n'um campo, sendo imitado pelo seu sequito, no qual se encontrava o chanceler.

E' um exercicio saudavel e simpatico, quando realiado com o inocente fim de transpirar, merecendo a carinhosa atenção de toda a gente, como o de tocar órgão, ha pouco efetuado pelo ex-monarca portuguez e para o qual tivemos tambem palavras de benevolencia, julgando-o igualmente canido. Duvidamos, comtudo, de que o kaiser e os seus se entregassem á ceifa com intuitos higienicos. Provavelmente tinham jantado bem e tomaram o trugal por um acampamento de aliados...



O foguete

O abaixo assinado deitou hoje um foguete! Sabemos muito bem que este acontecimento não terá influencia sensivel na politica mundial e que o leitor lhe não dedicará importancia de maior. Afirmamos, no entanto, que não foi sem comocão que lançámos o fogo á peça e que se fortissimos motivos a isso nos não obrigassem, de modo algum arrisca-

riamos os dedos. virgens de pirotecnia ruidosa, aos tres estoiros destinados ás altas regiões atmosfericas, mas que, para os inexpertos, muitas vezes não passam do solo.

Seguem os fortissimos motivos: Já dissemos que o presente rabiscador se encontra na aldeia e ter-se-ha notado que por todos os modos procura justificar a sua ausencia temporaria da capital, fazendo o possivel por poetisar a simplicidade campezina. Hontem bateram-nos á porta dois simples: um rapaz e uma rapariga, esta de sacola e aquele com um molho de foguetes e um varapau. Indagámos a que vinham.

— Pedir uma esmolinha para a festa do Sagrado Coração de Jesus.

Respondemos com meio escudo, o que pareceu satisfazer imensamente os delegados do referido Coração e tanto que o moço, com manifestos sinais de alegria, apartou do molho um dos foguetes, que nos entregou, dizendo:

— Seja em louvor do Sagrado Coração de Jesus.

— Amen, respondemos, sem saber o que devíamos fazer da estranha oferta.

— Faça favor de o deitar, ordenou o mancebo.

— Nós, deitar o foguete?

— Sim, senhor.

E explicou, vendo que estava em presença d'um ignorante:

Quando a e-mola é grada (grado, o pobre meio escudo!) os zeladores dão um foguete e quem a faz tem de o deitar, se não...

— Se não, quê? interrogámos.

Não respondeu o moço por palavras, mas encostando os outros foguetes á parede e afagando o varapau tão expressivamente, que nós gritámos para a criada que nos trouxesse um tição da lareira e, aproximando-o da escorva, logo projetámos ascensionalmente no infinito dos espaços o fragil caniço, que seguiu em curva luminosa.

Para a outra vez damos apenas um centavo ao Sagrado Coração de Jesus.

«Fumo do meu cigarro»

Quando se publicou a primeira edição do *Fumo do meu cigarro*, do nosso querido companheiro de trabalho dr. Augusto de Castro, outro de competência infinitamente superior á nossa, estava encarregado d'esta secção, não nos sendo dado, pois, o prazer de noticiar o aparecimento d'essa preciosa coleção de cronicas. A segunda edição, que veio agora a lume, oferece-nos tal ensejo e o de felicitar-mos o publico, porque raras vezes lhe será permitido um goso espirital tão requintado como o que lhe proporciona aquele livro, melhorado pela adjução de novas cronicas, unica melhoria que as obras primas admitem.

Alí fica a noticia e não a apreciação, desnecessaria em todo o escrito que tenha a assinatura de Augusto de Castro; ela garante a qualidade, melhor do que a marca do contraste atesta que o ouro é de lei.

ACACIO DE PAIVA.

(ILUSTRAÇÕES DE HYPOLITE COLOMBI).

CRONICA DE VERÃO

A CARECA

SENTIMENTAL



(Desenho de
Ferreira J. C. S.
ta).

Evian, agosto.

Eu desejaria dedicar as desprezíveis considerações que vão ler-se a um amigo meu que comprou um chinó. Mas nunca, por motivos de restó facilmente compreensíveis, ele me perdoaria a revelação do seu nome. E' um moço de cerca de trinta anos, assaz dado a amores, dono d'uns olhos cõr de cinza e d'um bigode alourado que têm feito muitas noites brancas a pessoas propensas a sonhar. Ele tem trinta anos, mas a sua alma tem vinte e espera tê-los, e tê los ha, provavelmente, até morrer. O seu cráneo, porem, envelheceu depressa; o seu ornamento capilar, que era sedoso e fino, abandonou-o desde cedo. Aos vinte e cinco anos, a sua cabeça vista do alto, d'um balcão de teatro ou d'um primeiro andar, assemelhava-se a uma folha de papel pautado; nas casas de barbeiro os artistas da tesoura vexavam o meu amigo propondo-lhe loções. Uma vez, uma «bonne amie», em boas palavras impregnadas de ternura, quiz consolá-lo da perda dos seus cabelos: essas consolações piedosas feriram profundamente o seu orgulho viril. Então, o meu amigo comprou um d'esses topetes chatos, discretos, quasi perfeitos, que se vendem em Paris.

Não sei se ele é feliz. Não deve sê-lo. Ele é um homem leal e deve logicamente sofrer do remorso de ludibriar o mundo inteiro tentando em vão iludir-se a si proprio. Deante d'um espelho, deve pensar, e pensar tristemente: «Eis como eu seria se tivesse cabelo». O facto de ser amado não pode mais lisongear-lo: em rigor não é a ele que que amam, mas a um outro que se lhe assemelha sem duvida notavelmente e que possui um adorno capilar que ele não tem. O meu amigo sofre evidentemente d'uma impressão analogá á d'alguem que se metesse na pele d'outrem: ele poz sob e a sua propria cabeça os pêlos não sei de quem.

Esse homem, que eu sinceramente lastimo, é a vitima d'um velho preconceito, um preconceito que vem dos tempos do romantismo e das fartas gaforinas dos poetas d'então. Sainte-Beuve, um critico podia ser careca, mas Alfred de Musset, sem os seus cabelos longos, seria um incompreen-

sível, intoleravel, absurdo. Os poetas não são com certeza os mais amados dos homens, mas, porque são aqueles que mais falam d'amor, são os que fornecem melhor um tipo á imaginação dos amorosos. No periodo romantico o homem amante ou amado tinha sempre cabelos fartissimos e longos. Assim era preciso para que ele os pudesse des-

pentear com arte, n'um laborioso desalinho; assim era preciso para que ele os arrancasse aos punhados nas cenas capitaes. A calva era então o conselheiral indício do homem que vive longe das tempestades da alma.

Era calvo o burguez ricoço, o mercante, o marido traído e desprezado, o burocrata sem aspirações, a creatura votada ás preferencias do «utilitarismo vil».

Mas esses tempos mudaram. Hoje o poeta é um homem que se veste como toda a gente e se penteia como os mais. O artista do «Quartier latin» conserva ainda, e um pouco por economia, a «allure» romantica d'outrora até ao momento de impingir a um editor o seu primeiro livro ou de vender no Salon o seu primeiro quadro. A gaforina ficou para a penultima geração dos cançonistas de Montmartre: porque os modernos já cortam o cabelo todas as quinzenas e aparam o bigode á moda americana quando não mesmo até á exiguidade ultra-moderna de Charlot. Depois o «utilitarismo vil» já não existe: os homens da pena ou do pincel a quem a arte não rende trocariam de bom grado a inspiração por um chorudo logar no conselho diretor d'uma opulenta companhia. A vida é cara—ai da nós!—e os senhores sabem por tradição que não ha como os «vencidos da vida» para gostar de viver bem...

Como consequencia cheia de logica a careca reabilitou-se e nos «écrans» dos animatografos pôde aparecer com aplauso geral e o successo monstro que se sabe—Justin Clarel. Não será preciso, eu penso, dizer-lhes que Justin Clarel é o celebre «detective» por quem se apaixonou, no decurso de inauditas aventuras, a linda e rica Elaine Dodge, dos «Misterios de New-York». Ele é o tipo do amoroso moderno, pondo toda a ciencia e toda a audacia ao serviço da sua dama. O publico compreende, acha natural, acha bem, ha senhoras que sonham com o heroe; e esse heroe é calvo como a palma da mão. Nos «Misterios» existe, é certo, um homem guedelhudo: mas esse é o primo miseravel, o homem cujo coração encerra todos os odos e todas as perfidias, reu de mil crimes, Perry Bennett, o chefe terrivel da «Main qui étraint».

Eu que escrevo este artigo e o meu presado camarada que o ilustra temos ambos juntos cabelo que não dava para guarnecer metade do inspirado cráneo d'um poeta de ha cincoenta anos. Mas juro lhes que não é porisso que lhes exponho singelamente essas simples observações.

Paulo Osorio.

NA REGUA

Ainda não se apagaram os ultimos ecos das brilhantes festas da Regua, em que os seus progressos agricolas, os seus legitimos interesses regionaes, se puzeram n'uma honrosa evidencia que deve ter atraido a atenção não só do governo, mas do paiz inteiro.

E nunca é demais lembrar o nome d'esse homem illustre e benemerito, o dr. Bernardino Zagalo, cuja inteligente e energica iniciativa vem dando, desde alguns annos, um belo impulso de de-
feza áque-

la desprotegida região. Referimo-nos especialmente a alguns dos importantes lavradores e industriaes que figuraram com bellos productos na exposição e hoje é de justiça fazer uma referencia especial á casa de adubos quimicos do Porto, do sr. Artur A. Gaspar, de cuja instalação curiosa já demos um aspecto e que se torna digna de elogio por concorrer para o brilho do certamen com valiosas dadivas pecuniarias e com os seus productos de primeira ordem.



Vista geral da exposição na Regua



Regua. Vista tirada do Salgueiral
Clichés ao distincto photographo sr. Joaquim Monteiro



A tourada na Regua.—O cavaleiro Manuel Casimiro toureando



Uma bela pega
Clichés do distinto fotógrafo sr. Oscar Portela, de Lisboa

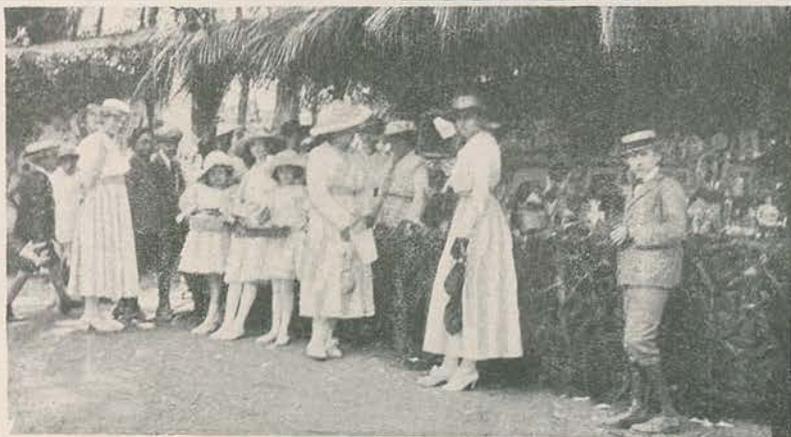
CINTRA EM FESTA

Para comemorar a data do falecimento do ilustre acadêmico e orador primoroso general Latino Coelho, a lindíssima vila de Cintra vestiu-se das suas mais formosas galas, realizando festas que se tornaram verdadeiramente notáveis. As festas constaram de um cortejo de bombeiros de todo o paiz, inauguração de um quartel de



O sr. presidente da Republica, recebendo os cumprimentos ao sair do automovel a porta da Camara Municipal de Cintra.

bombeiros voluntarios, desafios de *foot-ball*, iluminação durante 3 noites e uma esplendida exposição regional de produtos agricolas, de pomologia e de floricultura, que foi muito concorrida. O sr. dr. Bernardino Machado tambem abrlhantou com a sua presença as extraordinarias festas da encantadora e progressiva vila.



2. A banda da Sociedade União Cintrense, que se incorporou no cortejo dos bombeiros.—3. O corpo de bombeiros voluntarios de Cintra, assistindo a inauguração do seu novo quartel, no largo Afonso de Albuquerque, denominado Guilherme Fernandes. 4. Carro da Escola Agrícola de Queluz, na exposição de agricultura e pomologia.—5. Chegada dos bombeiros de Lisboa, a caminho da Camara Municipal.—6. Garden-party na quinta dos Platanos.—Barraca das prendas.—(Cliches do distinto fotografador sr. Alfredo Pinto (Sacavem).

Quadros da Historia de Portugal



O terror miguelista: Os caceteiros
(Quadro de Roque Gameiro)



O aguarelista sr. Roque
Gameiro.

O aguarelista sr. Alberto
de Sousa.



3. O professor de historia sr. João Soares, o professor de historia sr. Chagas Franco e o editor sr. Paulo Guedes.—4. Pombal estuda a reconstrução de Lisboa, quadro de Alberto de Sousa.

Na exposição de aguarelas dos artisticos quadros pedagogicos, realisada no salão do teatro Nacional, os seus

autores receberam a consagração do publico, que admirou e apreciou os seus notaveis trabalhos.

PORTUGAL E A GUERRA



Porto Amelia.—Desembarque das forças expedicionarias sob o comando do tenente coronel sr. Moura Mendonça

Aludimos em o nosso numero anterior a outras fotografias interessantes tiradas pelo distinto fotografo amator, sargento sr. Joaquim Fernandes, das nossas tropas no Rovuma e já senhoras de Kionga.

Damol-as hoje com o prazer de



Porto Amelia.—As forças desembarcadas formam para seguir para o acampamento

proporcionarmos aos nossos leitores aspectos interessantes e com particular interesse o de registrar documentos de grande valor para a historia da nossa campanha contra os alemães.

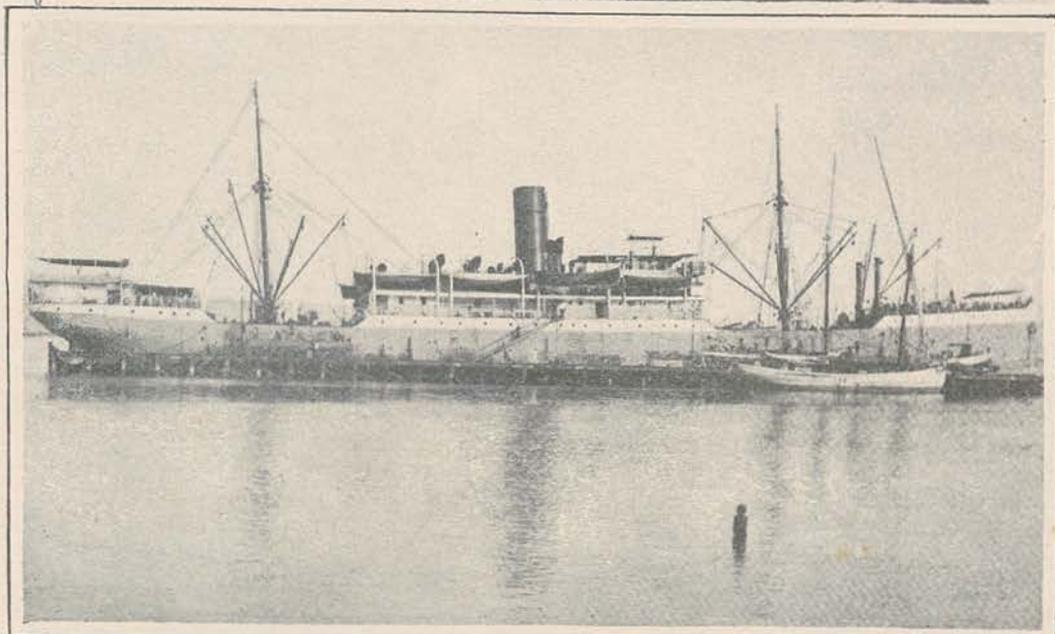
As noticias da tomada de Kion-



Kionga.—Bivague das forças Indigenas da guarda republicana de Lourenço Marques

ga pelos portugueses não teve, pelo telegrafo nem pelo correio, o relevo que dêsse bem aos patriotas a idéa da heroicidade do acto e levasse aos que desdenham do que é nosso e do que fazemos a humilhante certeza de que mais uma vez o seu pessimismo os levára a fazer uma figura triste. As fotografias teem um particular valor comprovativo. Por elas se vê o movimento importante de tropas que houve e que a nossa occupação se revestiu das circumstancias que mais podiam engrandecel-a e consolidal-a.

Kionga voltou a ser dos portugueses. Na campanha da costa oriental da Africa era o que mais podiamos ambicionar: vingar essa dura afronta e rehaver o que era nosso. Conseguimos ambas as coisas, mercê da coragem e do valor dos nossos soldados. Só quem não fôr portuguez do coração é que é capaz de pretender apoucar a grandeza do feito e de se não congratular com a victoria.



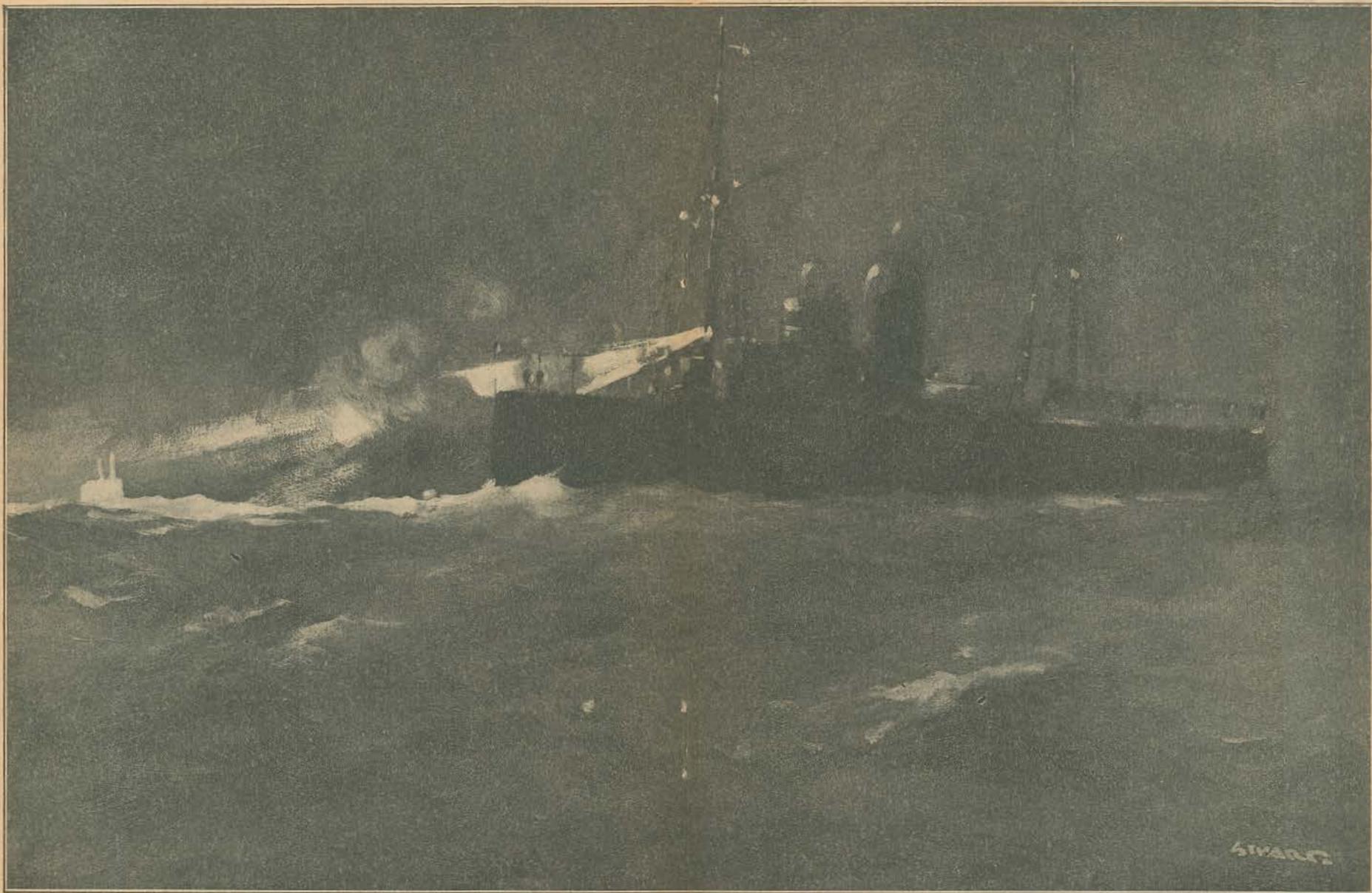
1. *Kionga*. — O chefe do estado maior, capitão sr. Liberato Pinto, junto ao carro-secretaria — (Clichés do distinto fotografo amator, sargento sr. Joaquim Fernandes) — 2. Vapor *Lima*, o primeiro vapor alemão (*Wetterald*), com bandeira portugueza que atracou á ponte do Loblito — (Cliché do distinto fotografo amator, sr. Tiberto de Oliveira, de quem a *Ilustração Portugueza* publicou no seu numero de 22 de maio d'este ano belos aspectos da praha do Loblito e do Mangal Grande, cujas legendas, por lapso de revisão, safram alteradas, assim como o nome do nosso presado colaborador)



Vista do porto de Klonga



Klonga.—Grupo de sargentos do exercito que atualmente fazem all serviço: — 1. José Cabrita, companhia de saude; 2. Manuel Duarte Silva, Infantaria n.º 21; 3. João Daniel Soares, Infantaria n.º 21; 4. Antonio Augusto Rodrigues, companhia expedicionaria Indigena; 5. Antonio Maximiliano d'Oliveira, cavalaria n.º 3; 6. José de Jesus Pita, Infantaria n.º 21; 7. Antonio Vieira da Fonseca, Infantaria n.º 21; 8. Manuel José de Moraes, cavalaria n.º 3; 9. Joaquim Fernandes, companhia de saude, o distincto fotografo amador, a quem devemos a gentileza d'estes e dos outros clichés que publicamos no numero anterior; 10. Antonio Simões de Castro, companhia de saude; 11. João Pedro, Infantaria n.º 21; 12. João Pereira de Carvalho, cavalaria n.º 3; 13. Gervasio Parra, Infantaria n.º 21; 14. Ermenegildo Augusto Nazare, Infantaria n.º 21; 15. Manuel Rodrigues do Desterro, cavalaria n.º 3; 16. João Lucio, artilhice de artilharia; 17. José Leonardo Guedes da Silva, cavalaria n.º 3; 18. José Fernandes Ribeiro, Infantaria n.º 21; 19. Manuel Ferreira Brandão Coelho, companhia expedicionaria Indigena.



A canhoneira portuguesa IBO, atacada por um submarino alemão

(Desenho de Stuart Carvalhas).

O VELHO MUNDO EM GURERA

A Alemanha finge recobrar um pouco a serenidade, da decepção que teve com a declaração de guerra da Romania. Os seus jornaes não tiveram forças para reprimir todas as expansões de odio, todos os gritos de vingança que lhes provocou o insucesso da diplomacia germanica que sempre contara, se não com a ação dos romaios ao lado dos imperios centraes, ao menos com uma neutralidade benevola.

Tanto assim



O rei de Inglaterra, «sir» Douglas Haig e o principe de Gales, saindo do quartel general britanico.

que, e isso é o que mais a desespera, os alemães chegaram a fornecer muitas armas e material de guerra aos que então ainda podiam vir a ser seus aliados, mas que hoje são seus inimigos declarados e acerrimos. Austriacos e alemães vão cair sob as proprias armas por estes torpedos á Romania. Chama-se isto dar lenha para se queimar. Não podia haver mais justo castigo das suas torpes maquinações.



A infantaria franceza, n'um heroico assalto, toma a posição alemã de *Chapeau du Gendarme*.

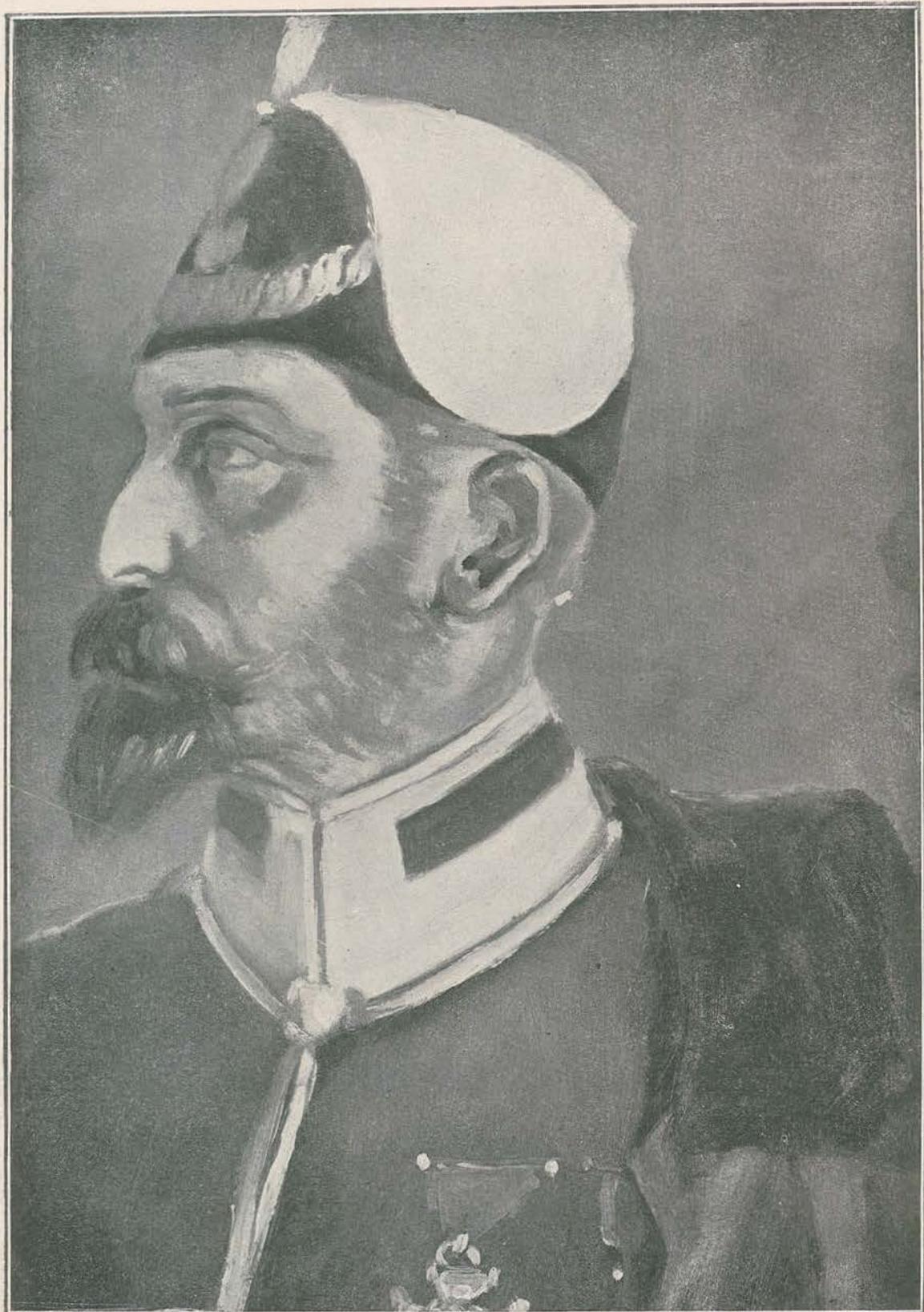
(Clichés de *L'illustration*).



Os Ingleses acarretando grande quantidade de munições para a sua artilharia



Algumas das granadas grandes dos Ingleses. N'uma d'elas lê-se: *com cumprimentos para Guilherme*. E não ha duvida de que não se lhe podiam mandar melhores e mais merecidos cumprimentos.



O rei Fernando da Romenia

(Desenho de Hippolite Collomb).



UM CRISTO NAS RUINAS

(Cliché da secção fotografica do exercito francez).

Os templos e todos os belos monumentos d'arte, em geral, continuam a ser o alvo predileto da metralha alemã, quer arremessada pela sua artilharia pesada quer pela dos seus aviões. Na grande linha da batalha em França são inumeros esses espectaculos dolorosos de sacrilega destruição. E' rara a

povoação cuja igreja não tenha sido, pelo menos, atingida. O «cliché» que reproduzimos n'esta pagina representa as ruinas d'uma igreja do Somme, já invadidas de plantas silvestres. O Cristo ainda lá se conserva pendente da nave imprimindo-lhes muito maior cunho de tristeza.

FIGURAS E FACTOS



A missão militar inglesa.— Srs. major-general Barnardiston, tenente Gough Carleton e alferes Robinson.

A missão militar franceza.— Srs. tenente-coronel Paris, comandante Grandin de l'Espervier e alferes Girandoux.

(Clichés Benolle).

Missão militar anglo-franceza.— Teve o mais caloroso acolhimento entre nós a missão militar anglo-franceza que veio ao nosso paiz para concertar assuntos que respeiam á cooperação do exercito portuguez ao lado dos aliados nos campos de batalha. Em sua honra realisaram-se banquetes e outras festas que decorreram no meio do maior entusiasmo, trocando-se brindes que confirmam as melhores relações de Portugal com os aliados.



O capitão sr. Tomaz Fernandes, official ás ordens da missão inglesa.



O capitão sr. Matias de Castro, official ás ordens da missão franceza.

De regresso á patria.— Chegaram a Lisboa alguns sargentos que fizeram parte da primeira expedição ao Sul de Angola, onde se bateram com a coragem e valentia com que o soldado portuguez costuma portar-se nos campos de batalha. No «cliché» que reproduzimos vê-se tambem o sargento de marinha Antonio



Sargentos chegados de Africa:— De pé da esquerda para a direita: Antonio Fernandes (ferido no rio Rovuma), Adolfo Ferreira Vidal. Sentados: Antonio Pereira de Melo, Joaquim Martins (vindo do Rovuma) e Alberto da Silva; sentados no chão: Augusto Vieira e José Barbosa.—(Cliché do amador sr. Antonio Jorge Rodrigues, de S. Thomé).

Fernandes, pertencente á guarnição do «Adamastor», que, no combate de Rovuma, a 23 de maio, com os alemães, foi atingido com tres balas, uma no olho direito, que ficou perdido, outra na face do mesmo lado e a terceira no ventre, que lhe produziu um ferimento de pouca importancia.



Alguns doentes e pessoal de enfermagem do Hospital de Sangue de St. Joseph, em Lourdes

No hospital de sangue de Saint-Joseph, em Lourdes, onde estão em tratamento alguns dos valentes «poillus» que tão heroicamente defenderam Verdun, no pessoal de enfermagem ha muitos portuguezes que, cheios de fé pela victoria dos aliados e levados pelo mesmo espirito de defeza da liberdade tão violentamente ul-

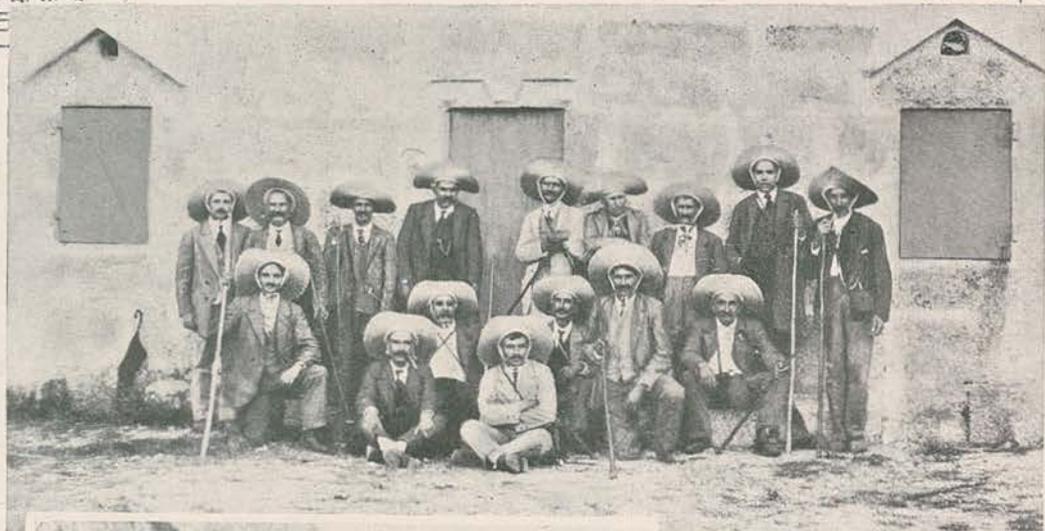
trajada pelos alemães, ofereceram os seus serviços á Cruz Vermelha, tendo alguns d'elles merecido as melhores referencias.

Na fotografia que inserimos vê-se ao centro o sr. Francisco Barata, chefe dos enfermeiros, que veste á paisana, tendo colocado o braçal da Cruz Vermelha.

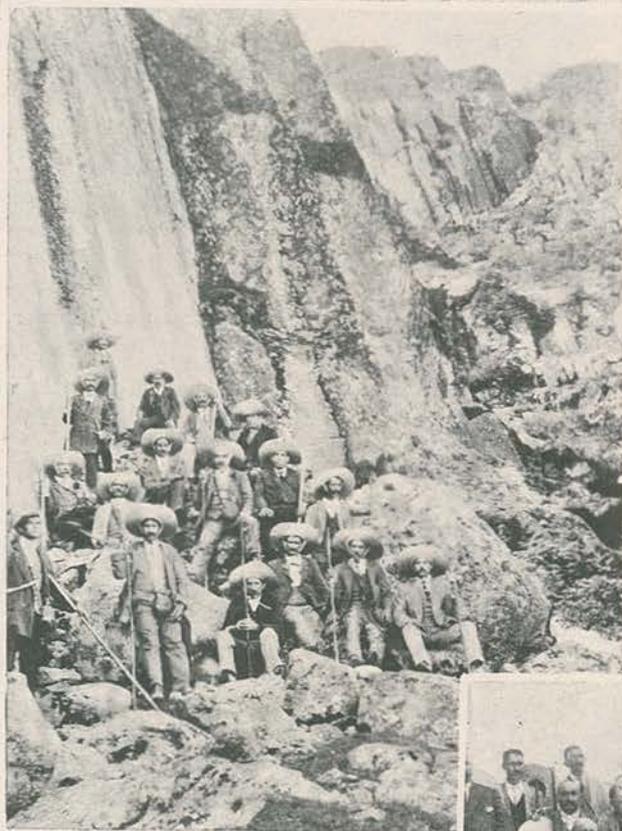


2. EM BEJA:—Grupo da senhoras que tomaram parte na kermesse em beneficio da Cruz Vermelha:—1. D. Antonia de Oliveira Thudicham, 2. D. Irene de Rezende Barbosa Bentes, 3. D. Maria do Ceu de Moraes da Maia e Silva, directora do collegio, 4. D. Maria Antonia Coelho de Castro e Brito, 5. D. Helena Cansado Rosa, 6. D. Maria Deifina Lizardo Laranja, 7. D. Sara Marvão Rosado, 8. D. Maria Madalena Coelho Sampaio, 9. D. Maria Joaquina Fialho de Carvalho, 10. O. Dulce Evangelista de Rezende Barbosa Bentes, 11. D. Constança de Campos Penedo, 12. D. Regina de Rezende Barbosa Bentes, 13. D. Eugenia Abecassis de Vargas, 14. D. Maria Barbara de Matos Patrio, 15. D. Delmira Cansado, 16. D. D. Maria do Carmo Gomes Palma, 17. D. Maria Carolina Coelho Sampaio, 18. D. Mariana Durão Ferreira, 19. D. Maria Antonia Coelho de Castro e Brito, 20. D. Maria Carolina Gomes Palma, 21. D. Maria da Conceição Mussá de Sena Cabral, 22. D. Ana Codina Gomes.—3. EM L'JURENGO MARQUEZ:—Grupo de meninas que promoveram, auxiliadas pelos actores Augusto e Pedro Sampaio, uma festa no Teatro Gil Vicente a favor da Cruz Vermelha, cuja receita liquida foi de 293\$51.—1.º grupo, da esquerda para a direita: Branca Batista Pereira, Cecília Garcia, Maria Amalia Leão, Aida Gernadas, Alba Souza Carvalho. 2.º grupo da esquerda para a direita: Ludovina Leão, Felicidade Meirim, Utilinda Neves e Epifania Cernadas. 3.º Grupo: Os actores Pedro Sampaio e Augusto Sampaio. «Cliche» do distincto photographo amator sr. Adelino d'Abrunhosa».

Uma excursão á Serra da Estrela



Na Serra da Estrela.— Casa habitavel de-
baixo de um grande móro



Desfiladeiro entre a lagõa Escura e Comprida
(Clichés do distinto fotografo amador sr. Antonio da
Costa Reis, de Canas de Senhorim)

Pena é que entre nós se não desenvolva o gosto pelas excursões á Serra da Estrela, que só na Suissa encontra logares que se lhe assemelhem. A pureza dos seus ares, a grandiosidade das suas penedias, que parecem tocar o ceu, a vastidão do seu horizonte,



Junto ao Sanatorio de Mantelgas



Azenhas do Mar



Azenhas do Mar (lado da terra)

Azenhas do Mar (lado do mar)

Esta pitoresca povoação, proxi-

se nascida no meio das ondas. As casas humildes da primitiva povoação possuem o característico estigma místico da gente que as habita.

Em um mórro sobre o imenso mar, as casas mais parecem ninhos d'aguias a despenharem-se sobre as ondas.

Em baixo, na raia, rochas nuas são batidas pelas ondas espumantes, sussurrando umas continuas litanias de tristeza melancolica.

Aqui e ali já algumas casas em estilo moderno se começam a encontrar, com alpendres e balcões guarnecidos de flôres; bandos de creanças folgam nos jardins como esquivas rôlas.

Azenhas do Mar, é n'esta quadra do ano um dos mais lindos passeios; ao passo que a estrada vae subindo tendo de um lado o mar, e pelo outro, campos de vinha e pomares, na linha do horizonte a nossa vista pôde-se alongar não só pelo mar como pelas povoações da nossa costa, tendo ao fundo a linda praia da Ericeira.

ancrama deslumbrante sempre banhado pela luz solar, espalhando por toda a paizagem uma poesia dourada que beija dolentemente as cristas das ondas e as veigas floridas.

Alfredo Pinto (Sacavem).



Tipo do povo

ma da Praia das Maçãs e ligada a esta por uma linda estrada á borda do oceano, é uma terra que apenas começa a despontar, como se fos-



Azenhas do Mar: Um trecho da praia
(Clichés do autor)

Uma festa de portugueses no Brazil



1. A comissão organizadora das festas: 1.º plano, da esquerda para a direita, srs. Gaspar Manga, presidente; 1.º tenente Luiz Danim Lobo, presidente honorário e vice-cônsul de Portugal em Santos e S. Vicente; J. J. Fernandes de Carvalho, te oureiro; 2.º plano, da esquerda para a direita: srs. José Pereira de Arsujo, vogal; Benjâmin Monteiro (abra), secretario; João Oliveira Manarte e José Teixeira Tavares, vogaes—2. Grupo de senhoras vicentinas que organizou a barraca da Cruz Vermelha e que para o bom êxito dos festivaes empregou todos os esforços

Alguns portugueses residentes na cidade de S. Vicente, Estado de S. Paulo, auxiliados pelo Chantecler Foot-Ball Club, S. Vicente Athletic Club e Club de Regatas Tumarú, instituições também portuguesas, realizou ali uma grandiosa festa, cujo produto reverteu a favor da Cruz Vermelha portuguesa.

Apezar de estarem longe da patria, aqueles nossos patricios não esquecem a



Grupo do S. Vicente Athletic Club que tomou parte nos festejos em beneficio da Cruz Vermelha

sua gloriosa raça e concorrem com os seus auxilios para as despesas da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha portuguesa, que tem a seu cargo a espinhosa missão de recolher e tratar dos feridos em campanha.

A concorrência a tão simpática festa foi numerosíssima, o que contribuiu para que o seu produto atingisse uma avultada soma que seguiu logo o seu destino.



Grupo do Club de Regatas Tumarú que se salientou nas festas promovidas a favor da Cruz Vermelha



Grupo do Chantecler Foot-Ball Club que com a maior boa vontade auxiliou a comissão nos festivaes em beneficio da Cruz Vermelha

PÔ
DE ABYSSINIA
EXIBARD

Sem Opio nem Morphina

Muito eficaz contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmodicas
das vias respiratorias.

26 Anos de Bom Exitto. — Medilhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o

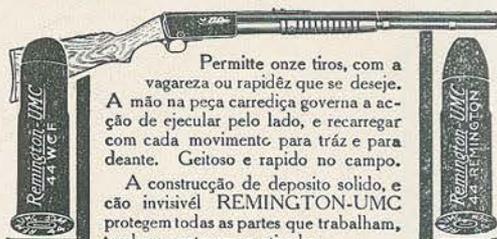
6, Rue Dombasle, 6

PARIS

5 BOAS PHARMACIAS

Rifle de Repetiçao
**Calibre.44 Ac-
ção Corredica**

REMINGTON
UMC



Permite onze tiros, com a
vagareza ou rapidéz que se deseje.

A mão na peça carregada governa a ac-
ção de ejection pelo lado, e recarregar
com cada movimento para trás e para
deante. Geitoso e rapido no campo.

A construção de deposito solido, e
cão invisível REMINGTON-UMC
protegem todas as partes que trabalham,
tambem protegem o atirador.

Dizima-se facilmente como a conhecida
repetidora REMINGTON-UMC calibre .22. Limpa-se pelo
deposito.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manáos

Agem e em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 2—Lisboa

Rio de Janeiro

A Empresa d'O SECULO faz publico que transferiu
a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada
firma **José Martins & Irmão, R. do Carmo,
59, 1.º**, para onde devem ser dirigidos todos os pe-
didos de fornecimento avulso ou para revenda, de
exemplares do

Seculo

Ilustração Portuqueza

Suplemento de Modas & Bordados

o Seculo Comico

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

OFICINAS DA

ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA



Postas á disposição do publico, exe-
cutando todos os trabalhos que lhe
são concernentes por preços modi-
cos e com inexcédvel perfeição.

TRABALHOS DE

Zincogravura, Fotogravura, Setereotipia,

Composição e Impressão

Zincogravura e Fotogravura em zinco sim-
ples de 1.ª qualidade cobreado ou nikelado. Em
cobre, a cores, pelo mais recente processo—o de
reotipia de toda a especie de composição. Impressão e Composição de todo o ge-
nero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão
a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SECULO, 43—Lisboa

PURÍSSIMA

A mais alta classificação sob o ponto de vista bacteriológico

Hiposalina-silicatada-chloretada-sódica, sem vestígios de substâncias orgânicas — notavelmente radio-ativa, ionizada, rica em gases raros



A VENDA EM TODA A PARTE.

A 5 centavos (50 réis) o litro, em garrações de 5 litros

CONCESSIONARIO: *Humberto Bottino*

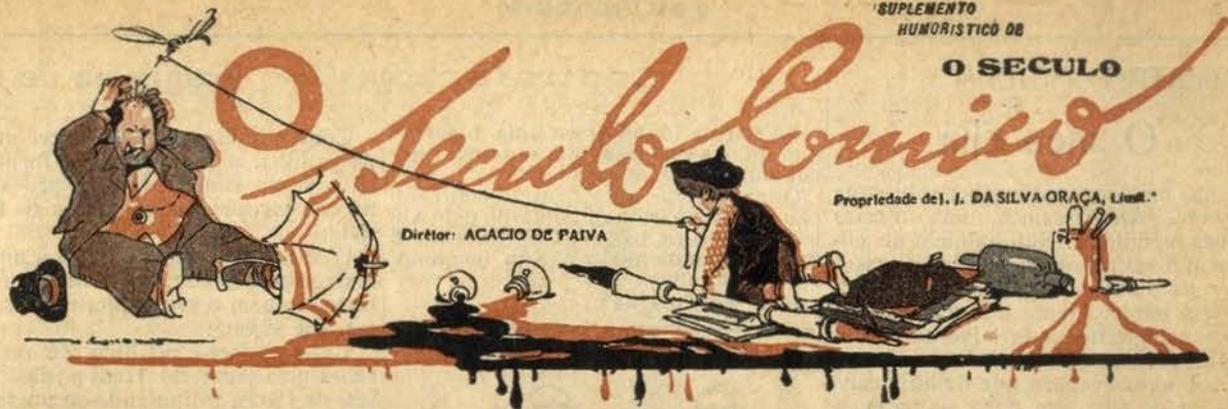
Telefone 3:035

R. Alves Correia, 193
LISBOA

Telegramas: REMEMBER

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Lit.ª

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

NA PRAIA



— Que lindo pôr de sol... E que delicioso cheiro a marisco!... Não te produz uma agradável sensação...
— O pôr do sol, produz...

PALESTRA AMENA

O meu chá

Sento-me á mesa sem saber sobre que escrever. Atravessamos uma d'estas épocas medonhas. Não ha meio de encarrar um assunto pelo seu aspéto risinho e de dizer duas tretas que façam sorrir o leitor. Ali na Parreirinha ha quem esbogue cada olho como um repolho...

... E agora reparo que tenho deante de mim, em cima da mesa, o assunto, não fresquinho, como se costuma dizer, mas quente, fumegante, loiro, apeti oso á vista: uma chicara de chá.

Dirá agora o leitor: mas que assunto, que artigo podes tu escrever ácerca da tua chavena de chá? Ora, ora! Já o Pinheiro Chagas dizia que todo o assunto dá a um escritor a valer — tres linhas e tres volumes. Só a chicara de chá me permitiria preencher este logar. Mas acresce a circumstancia de que dentro d'essa chicara e afogado n'esse chá, está... um rebuçado.

E' verdade, um rebuçado.

Ha cinco dias que eu não tomava chá. Com 48 anos foi a primeira vez que tal me succedeu porque, por desgraça, sempre o tomei, de pequenino. Estava-me reservada para o fim da vida, esta fatalidade: não poder tomar o meu chá... por falta de assucar.

Hontem tive esta ideia genial: se eu temperasse o meu chá com rebuçados?

Meu dito, meu feito. Vieram os rebuçados e agora me vereis, fazendo esfoços inauditos para disolver o matacão que se gruda á chavena, que se pga á colher, que se faz em fios, que se enrodilha, que estende, que encolhe...

Não lhes digo o que é este mist'ifório: nem é chá, nem agua de rebuçados, nem coisissima nenhuma: é uma bodega horrivel. Para o tomar, tabei o nariz como quando se toma uma pu ga repugnante e enguli a mistela com engulhos, fazendo uma careta horrivel, nauseante...

Apri! Mas tomei o meu chá! Venci a crise de ucareiral!

Sr. ministro do trabalho! Depois d'isto só lhe fica um caminho: demita-se.

João Ripanso.

Uma do Marques

O nosso Marques está n'um balneario fazendo uso do tratamento especial para a gota.

Levanta-se ás 4 da manhã, bebe agua, toma banhos e recebe duches todo o santissimo dia.

Encontra-se com um camarada de doença que lhe diz todo esbofado, cando sobre um banco:

—Ai, não posso mais! Estou morto de cansaço!

—Lá isso—responde o Marques—para uma pessoa se pôr boa, aqui, precisa ter uma saude de ferro!

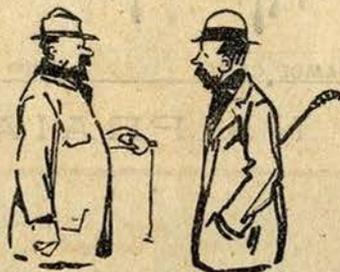
Contrafação

Na Suecia inventaram uma bisarma qua'quer a que puzeram o nome espi-colondrífico de teleantografo.

Quando Deus quer, é uma contrafação de um aparelho inventado pelo Antonio Cabreira, o *Talentografo*, com o qual ele pode medir a sua incomensuravel agudeza de espirito.

Isso—e as orelhas.

ENTRE VIGARISTAS



—Quanto te custou esse relógio?
—Tres mezes de cada.

O retrato de Nun'Alvares

Já não ha maneira de saber se o pai-nel cuja reprodução veiu ha dias nos jornaes, como sendo o retrato de Nun' Alvares, é ou não a effigie do condestavel.

Uns dizem que sim, que só lhe falta falar—são as pessoas que anda am com ele na escola; outros afirmam que ha engano ou confusão com outra pessoa da epoca, talvez com o padre Matos.

A nossa opinião é que se trata do autentico Nun'Alvares. M l o conhecemos, porque na batalha de Aljubarrota era tal a fumaceira dos tiros, que só lhe enxergámos o vulto, mas aquella attitude entre ter-rivo e sereno, isto é, entre cabo de guerra e santo, não pode ser de outrem.

Ou será o sr. Aires de Ornelas?

Desesperado de viver

Um sujeito que conviveu muito tempo com o Antonio Cabreira, entra precipitadamente n'uma farmacia.

—Que deseja?

—Qualquer coisa. O que quizer. E' para me suicidar.

A boa esposa



—Felicita-me, filha, felicita-me! As Caldas curaram-me! Já não tenho dores!
—Que farei eu agora para saber quando vai mudar o tempo!

Prog-rama de paz

Contando com o ovo nos reconditos da galinha, alguns jornaes formulam já: para proxima execução, pro rama da paz europeia, cada qual mais fantassista.

O *Seculo Comico* faltaria a um dos mais sagrados dev res se não apresentasse tambem o seu projeto de programa. Ele á está:

1.º—O kaiser e o Chico Zé recolherão a uma jaula do Jardim das Plantas, de Paris, estipulando-se um franco de entrada a quem os quizer vêr.

2.º O poeta José Maria Sevilha dedicará um poema áqueles dois ex-imperantes.

3.º—O Antonio Cabreira descrever-lhes-ha a diagonal.

4.º Serão obrigados, durante o resto da vida, a expressar-se unicamente em esperanto.

5.º—Filiar se-hão no partido unionista.

Estas são as bases do programa. Estamos convencidos de que os dois causadores de tanta desgraça ficarão assim sufficientemente castigados e sem vontade de outra.

Maneiras de abraçar



—Homem o teu rapaz já está em idade de abraçar uma carrira
—Es'á. está. Mas por enquanto pensa em abraçar as creadas

Da familia...

—O senhor não pode ser operado senão depois de cloroformisado.

—Lá is-o é que não!

—Pois en ão não o opero.

—Mas eu careço da operação.

—Pois carece. E' imprescindivel.

—E não sofferei dor-s?

—Cloroformisado, não.

—Bem. Então cloroformise-me. Mas olhe que, se eu tornar a sentir alguma coisa, comigo é que o senhor se tem de haver!

Era um tio do Marques!

Zoologia domestica

—Como distingues uma perdiz nova de uma perdiz velha?

—Pelos dentes.

—Mas as perdizes nem teem dentes!

—Mas tenho-os eu.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

O corpo humano—Os pés

Já lhes falei das mãos, queridos ouvintes, machos e fêmeas, e d'elas ficaram sabendo o suficiente para que as apreciem devidamente, conservando-as sempre limpas e não as metendo nunca na algibeira do proximo. Hoje saltarei para os pés, prometendo falar-lhes n'otra ocasião nas partes intermedias do corpo.

Os pés, que em muitas pessoas deviam ser quatro, são apenas dois, o que quer dizer que n'este ponto, como n'outros que temos tratado, o homem é inferior á maior parte dos animaes, pois que servindo os pés, principalmente, para a locomoção, é evidente que quantos mais pés o animal possua mais anda, isto é, mais perfeita é a função a que aqueles orgãos se destinam.

Principalmente, digo, resringindo advrbialmente, porque os pés tem outros usos além do que indiquei. Servem, por exemplo, para dar pontapés, são a materia prima da industria dos calistas, contribuem poderosamente para as das meias e do caçado e são um elemento desportivo de primeira ordem, representando um papel importante no *foot-ball* e nas corridas pedestres. Por isso recomendo-lhes o maximo cuidado com tão melinerosos como v. lhosos orgãos, aconselhando-os a que os avem de quando em quando, lhes aparem as unhas e os cilos, não os exponham ás intemperies trazendo os dedos fóra das botas e, sobretudo, não os ronham em falso; sob este ponto de vista ha até quem não ponha o pé em ramo verde, excesso de cautela que não aprovo.

Historicamente falando, o pé tambem não deixa de ser importante, como se vê pelo calcanhar de Aquiles; culinariamente considerado, igualmente merece a nossa atenção, quando seja de porco, tomando n'esse caso o nome de chispe...

Emfim, creio ter dito o bastante para que d'ele não façam uso n'este momento pateando ou fugindo a sete pés.

Até á proxima semana.

Bonaparte

(Aluno do liceu "Camde").

Modos de adoçar

A ultima crise do assucar veio mostrar mais uma vez as faculdades inventivas do nosso povo, que não podendo passar sem aquele genero para o chá, o café e produtos de confeitaria, em breve o substituiu de varios modos, como servindo-se dos rebuçados, da alteia e de outros produtos assucarados.

E não tinha esgotado a imaginação, porque já havia quem se lembrasse de fazer doce com o mel pelos beijos dado ultimamente ao sr. Antonio José de Almeida, todos sabem por quem.

O peor é que era de pouca duração e dentro em pouco será substituido por teriaga. Mas como medida provisoria, servia.



O rei da Roménia

Dizem uns que é o rei da «Romania»,
Outros que é da «România», de maneira
Que acentuam a sílaba terceira.
E tambem a segunda, por mania.

A fim de a todos pôr em harmonia
E de que a mais não passe tal asneira,
Afirmo que a grafia verdadeira
«Roménia» deve ser, ou deveria.

«Romanos» são de Roma os moradores,
«Romaicos» são os gregos, os helenos,
São «romenos» os novos lutadores.

Mas «romanos», «romaicos» ou «romenos»
Oxalá que eles saiam vencedores
E couquistem a Austria, pelo menos.

BELMIRO.

Arte cruenta

A companhia do teatro Nacional partiu em excursão artistica para a provincia, com o fim aparente de dar a conhecer a todo o paiz a ferocidade de *Pedro*, o *Crusl*, mas na realidade por outro motivo.

Como em Lisboa, em virtude da crise alimenticia, é difficilissimo adquirir corações de v tela, sem os que es o ator Carlos Santos já não pode passar, recorre á provincia para satisfazer o appetite.

Depois irá ás provincias ultramarinas e onde quer que haja carne crua a preços convidativos.

Uma de Voltaire

Vem agora a proposito contar um caso passado com o nosso colega Voltaire ha um bom par de anos.

Quando o nosso camarada foi expulso da Prussia, um official disse-lhe ao passar a fronteira.

— Preciso vêr se traz alguma coisa.

— E' inutil. Eu não trago nada. Nem saudades...

Já n'este tempo os francezes gostavam d'elles como de azedas.

E' mentira

A proposito da chegada da missão militar dos aliados a Lisboa, um reporter da *Capital* falou com o alferes Robinson, o qual lhe disse que «vinha encantado com a viagem, tendo admirado a *exuberante* vegetação da nossa paisagem.»

Co a devida vénia, temos a observar que o alferes o que disse foi que tinha admirado a nos a *exuberante* vegetação. O *h* pertence ao ubere do reporter.

Normalidade

D'um jornal, dando noticia da romaria do Senhor da Serra, em Belas:

«As barracas fizeram rendoso negocio, muito principalmente as que tinham jogo de roleta com tabaco e dinheiro. O serviço de policiamento foi feito como nos dias anteriores, nada se tendo dado de anormal.»

Tudo normalissimo, como se vê. E alguém que se atrevesse a repontar com as roletas, que lá estava a policia para os fazer entrar na ordem!

Em ponto

Um jornal da manhã tem em Vidago o correspondente mais assucarado de que ha memoria. Querem saber o que ele escreve a respeito de um *cotillon* que ha pouco se realisou no Grande Hotel? Saboreiem:

«As damas que tomaram parte ostentavam riquissimas *toilettes* do mais fino gosto, ondulant'es na graça aerea dos gestos e no ritmo das atitudes com que nobremente acolhiam os que a sorte beneficiava ou o *savoir faire* elegia para a sua graça e para o seu sorriso»

Dá vontade de comentar em verso, como faz o nosso mano mais novo ás noticias policiaes:

Não ha dama que resista
A' calda d'este senhor!
Isto não é jornalista...
... E' lambedor!

Um anuncio dos jornaes de domingo:

Porca de carroça, achou-se e entrega-se. P. Rio de Janeiro, 16°.

Provavelmente ninguem a requisitou até agora. Não valem dez réis de mel coado anjando de trem, quanto mais de carroça!

BOA IDÉA

Um juril do Porto pediu ao ministro da justiça que autorisasse os officiaes de justiça a usarem, fóra dos serviços da audiencia, um d'instinto, para evitar o abuso de muitos sujeitos se intitularem beaguins.

Aprovamos. E' acertada a medida. Mesmo para a gente poder fugir d'elles.



A PESCA DOS ALEMÃES

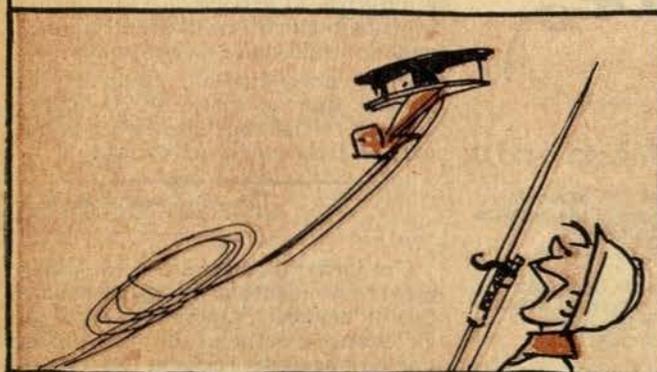
(1.º Episódio da 10.ª parte do PÉ FATAL)



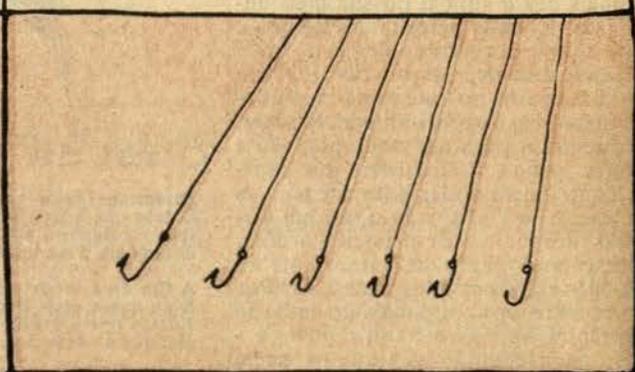
1.—Com estes flosinhos farei um serviço autentico.



2.—Quilm, põe a hellice em movimento, que isto é um ar que me dá...



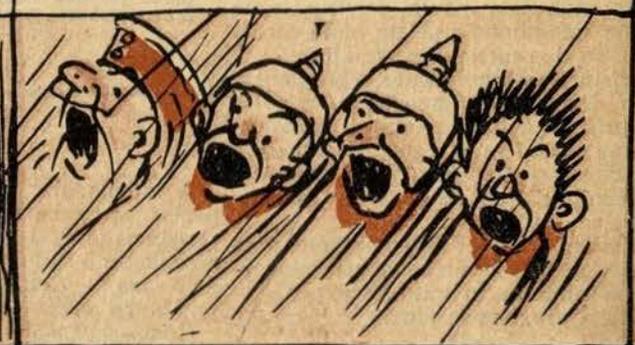
3.—Enal um aeroplano-cometa... com rabo...



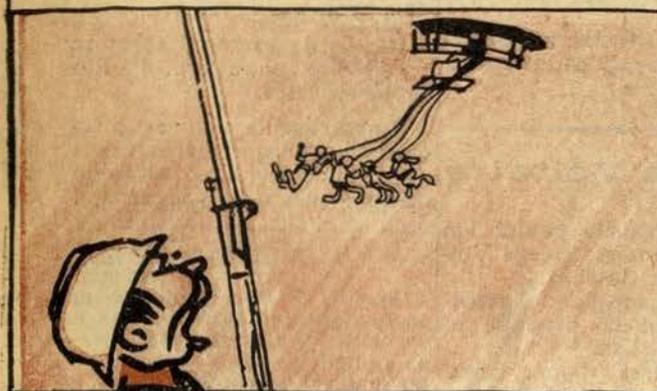
4.—Como eles estão com fome, isto vae mesmo sem isca...



5.—O sono dos injustos.



6.—Por S. Lulz, rei de França, foram presos pelo nariz.



7.—Olha um molhinho de boches!...



8.—Parabens, seu Manecas. Vae ser promovido a tenente-aviador.